

15

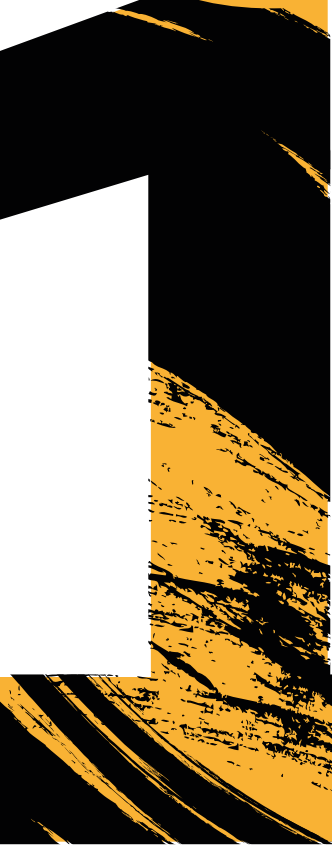
5

**de casa  
para um  
mundo**

15 escritores  
15 artistas plásticos  
15 compositores  
5 designers

**CCA**  
Casa da Cultura  
Mestre José Rodrigues  
Alfândega da Fê







Março de 2020.. o mundo contemporâneo inicia uma mudança dramática que nos obriga a confinar em nossas casas e a tornarmo-nos no oposto daquilo que é a Natureza Humana - anti-sociais.

Fomos feitos para viver em sociedade, para aprender em sociedade!

Num contexto que colocou à tona os nossos maiores medos - a morte eminente, a nossa ou a dos nossos - que nos fez desconfiar tanto uns dos outros e viver com medo permanente, houve espaço para fugir de tudo isto! Aliás, houve necessidade de (re)encontrar a nossa Humanidade, muito além das palmas aos profissionais de saúde.

Este projeto, marcado pelo número 15, que, para quem crê em numerologia, representa a criatividade, os novos começos, as novas ideias, teve o condão de unir 45 artistas e criadores sem ser numa mesa de café, numa sala de reuniões, tão pouco numa galeria de arte e bem menos numa qualquer rede social digital.

Sem se tocarem, criaram um conjunto de 15 peças que vão mexer com os nossos sentidos e com os nossos sentimentos.

15 artistas plásticos, 15 escritores, 15 compositores em sintonia, diria, telepática, que nos querem transportar das suas casas para um mundo que, nos últimos dois anos, nos encheu de medo.. mas, quero crer, de esperança!

Será? Teremos ficado mais humanos, mais empáticos, mais solidários? Teremos aprendido a lidar com esse grande medo de nos encararmos a nós próprios? Ou estamos mais metidos dentro dos nossos muros?

O mundo deu mais uma volta daquelas que pareciam impossíveis.. o tempo dirá (talvez) se ele se dirige para um lugar melhor! Diferente é, certamente... que seja um mundo onde não falte a capacidade e a criatividade para nos reinventarmos e vivermos melhor! Terá, para isso e por isso, de ser um mundo onde não falte a Arte!

Obrigada à Bienal Internacional de Arte de Cerveira por esta oportunidade de reflexão tão harmoniosa, tão estimulante para os sentidos, com a curadoria da Professora Fátima Lambert, trazida a um lugar que precisa, urgentemente, que o olhem com lucidez, para que se evite um confinamento irreversível que leve à extinção destas gentes e lugares.

**Maria Manuel Silva**

Vereadora do Pelouro da Cultura

Município de Alfândega da Fé

### **... ainda da Bienal de Cerveira para o mundo!**

A Fundação Bienal de Arte de Cerveira tem um evidente interesse em ser a estrutura de criação e programação artística que acolhe, em depósito, as obras da exposição “De casa para um mundo”, um projeto que nasce, em 2020, da incapacidade de aceitar as contingências limitadoras da pandemia e do confinamento. Não esperava eu menos inquietação por parte dos meus queridos amigos Sobral Centeno e Manuel de Novaes Cabral e menos qualidade nas escolhas curatoriais de Fátima Lambert e o impulso de Paula Freire. Em todo o caso, foi seguramente um privilégio para a Bienal Internacional de Arte de Cerveira, acolher em 2020, um projeto que, partiu das palavras de 15 escritores que, desafiando 15 artistas plásticos e visuais, depois 15 compositores/músicos, dialogaram no silêncio do isolamento e a criaram um conjunto de obras de singularidade única. Juntaram-se ainda 5 designers e foram 52 os envolvidos na demanda. “De casa para um mundo” é um manifesto à Liberdade e uma ode ao belo. É um apelo à correlação de forças e de expressões e é a prova de que arte elimina distâncias e une sentires, dizeres, seres.

A exposição, construída a partir de casa, não quis saber de repouso e itinerou por Portugal e Espanha ao longo destes dois anos, suscitando o interesse de muitos e lançando perguntas sobre as palavras que se instalaram nas plasticidades e a música que as submete ao poder inigualável dos sentidos em êxtase. Chega agora à Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, em Alfândega da Fé, a terra pequenina onde nasceram os seus pais e da qual herdou a espiritualidade. José Rodrigues,

que além de um dos mais notáveis escultores portugueses da segunda metade do século XX foi também um entusiasta e divulgador cultural, haveria de gostar de saber que da distância se fizeram pontes, que as expressões se uniram e que as obras de arte são hoje o desenho da sociedade de coletivo com a qual ele sonhou e que ajudou a construir.

A Fundação Bienal de Arte de Cerveira só poderia aceitar o desafio de acolher em depósito as obras que constituem este projeto e exposição pois é neste cruzamento de vontades, neste encontro de maravilhas que quer desenhar o seu espaço e tempo de futuro.

“De casa para um mundo” é também a memória de um tempo vivido, de um tempo único e impensável. Os museus devem criar memória, guardar memória, divulgar memória. Termos estas obras conosco é termos a responsabilidade de dizer aos do futuro que houve um tempo do nada em que tudo aconteceu na união de esforços e talento.

**Helena Mendes Pereira**

Diretora Artística da XXII Bienal Internacional de Arte de Cerveira

## Universo: Casa

Quando pensamos na palavra casa vêm-nos imediatamente ao pensamento uma diversidade de significados. De facto, o simbolismo da casa é um dos mais ricos em significado, podemos encontrá-lo como processo de individuação, espaço de proteção e refúgio, um lugar que favorece a intimidade ou a regressão.

A casa é igualmente uma espécie de reflexo do universo, porque se apresenta como um todo, constituindo-se enquanto conceito espacial, físico, emocional e psicológico.

Em momentos de caos, como o vivenciado aquando da pandemia, muitos de nós regressamos a CASA, tempo reencontrado, onde se reaprende a observar os atos e os atores do presente e do passado.

Assumo que fui um desses casos, voltei à casa, à minha casa da infância, ambiente caloroso, vivo, protegido dos ataques do exterior, portadora dos (meus) valores, de onde as relações familiares resultaram fortalecidas, porque apaziguadas.

Em momentos de caos, outros houve, bem mais generosos, que aproveitaram para dar cor e forma aos seus talentos.

Os tempos mais difíceis estimulam a criatividade e quando o mundo entrou em *lockdown*, e nos fechamos literalmente em casa, o universo das artes foi rápido a responder. Os museus lançaram exposições e programas culturais que podiam ser vividos a partir das nossas casas. Concertos foram transmitidos digitalmente. Os teatros fizeram apresentações virtuais das suas peças.



Ser criativo é o que nos move a pensar soluções, resolver problemas, criar alternativas, percorrer caminhos diferentes, produzir novos projetos. 15 artistas plásticos com 15 escritores/poetas, aos quais se juntaram 15 músicos/compositores e, para terminar, se associaram 5 designers, responderam ao desafio e com notas de música, pinceladas de cor e palavras articuladas criaram, de forma imaginativa 20 obras de arte contemporânea. 15 conjuntos harmoniosos onde cada uma daquelas expressões artísticas se harmonizam como um sistema, sem esquecer, as 5 fantásticas expressões de design gráfico.

Mas, se é importante regressar a casa, é igualmente fundamental abrir portas e janelas e sair, procurar novas experiências, ouvir novas sonoridades, explorar o sentido de outras palavras, estar atento e receptivo a estranhas, ou apenas diferentes, abordagens artísticas. Criar, cimentar mundividência, separando o essencial do que é meramente acessório (ou talvez nem isso) afigura-se nesses momentos, e sempre, essencial. Pressuposto que fundamentou o contato junto da Fundação Bienal de Arte de Cerveira para estabelecer parcerias e a Casa (mais uma vez a casa) Mestre José Rodrigues torna-se parte integrante da Bienal de Cerveira, como um dos seus Polos, recebendo nesta edição uma inusitada exposição coletiva, não só pelo conjunto de artistas, num total de 50, como pela diversidade das temáticas culturais abordadas.

A exposição “De Casa para um Mundo” permite-nos, numa viagem imersiva, experienciar num local e tempo únicos, o outro lado de um período de rutura e perda, aquele que impele à mudança e à renovação.

**Ana Margarida Duque**

Divisão de Cultura, Turismo e Desporto

Município de Alfândega da Fé

### ... de casa para um mundo!

Foi logo nos primeiros dias do confinamento, em meados de Março de 2020, num telefonema com o Sobral Centeno. que germinou uma ideia. Obrigaram-nos ao confinamento no interior das nossas casas, sem nos podermos juntar; mas podíamos falar, conversar, trocar ideias, desenvolver projectos. Podíamos discordar e acordar. Sim, vamos desafiar amigos das artes e das letras para trabalharem em conjunto.

O nome do projecto surgiu quase logo, sem hesitações, **de casa para um mundo**.

Ambos participamos no projecto como actores. Em consequência, entendemos que não deveríamos ser nós a *curar* dele. O nome que queríamos foi consensual, a Fátima Lambert, que aceitou a curadoria, de imediato e com entusiasmo.

O projecto foi construído ao longo de muitas conversas pela noite fora e pela noite dentro, com partilha virtual de chás, cafés e copos diversos. Muita discussão para decisões, afinal, fáceis.

15 poetas/escritores ditavam, cada um, 15 palavras para 15 artistas plásticos trabalharem num suporte limitado a 100x100 cms. Todos os pares foram definidos pela Curadora, excepto um: nós. Para nós seria fácil trabalharmos juntos; tendo estado na génese da ideia, não nos permitiríamos escolher outros.

Entretanto, a Paula Freire chegou ao projecto, transformando cada duo num trio. Aos escritores e artistas plásticos juntaram-se 15 compositores, enriquecendo o trabalho conjunto.

Finalmente, resolvemos convidar 5 designers para, cada um na sua linguagem, comunicarem esta iniciativa.

A maternidade deste projecto foi a Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira. Apesar dos prazos serem muito apertados, foi possível estar presente logo na XXI Bienal de 2020, tendo todos os artistas convidados respondido num tempo que foi encurtado. Depois, a exposição tem peregrinado pelo país e arredores: Monção, Vigo, Vila Verde, Matosinhos (que publicou um magnífico livro sobre este projecto) e Lisboa (primeiro na SNBA, Sociedade Nacional de Belas Artes e, depois, na Sala de Esgrima do Colégio Almada Negreiros da Universidade Nova, em Campolide). Agora é a vez de Alfandega da Fé, na magnífica e inspiradora Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, integrada no Festival Transfronteiriço de Poesia, Património e Arte de Vanguarda em Mundo Rural.

Na preparação do projecto, nas nossas casas, divertimo-nos muito em horas e horas de conversa, de reflexão e de criação. A essência do projecto foi virtual. De tal modo que, quando finalmente pudemos juntar-nos, num jantar, queríamos voltar rapidamente para nossas casas, num regresso à conversa virtual...

O resultado de tudo isto é uma exposição que está aí, sujeitando-se ao julgamento do público.

Mas esta história continua, faz o seu caminho à procura do seu mundo. Um mundo que começou nas nossas casas, nas casas de cada um de nós. E que foi ...

**... de casa para um mundo!**

**Manuel de Novaes Cabral**

**Sobral Centeno**

## E a música?

Quando soube que a Bienal de Cerveira, na minha terra natal, ia integrar uma exposição com o título “*De casa para um mundo*”, constituída por 15 escritores e 15 artistas plásticos, com curadoria de Fátima Lambert, pensei: E porque não integrar a música também? Como? Com quem? De que forma? Eu ainda não sabia.

A ideia foi bem acolhida pela curadora e pelos dois autores do projecto, Sobral Centeno e Manuel Cabral. Depois da imediata e entusiástica adesão, do então Diretor Artístico da Bienal, António Cabral Pinto, partimos para o terreno. Relembro que o terreno era o telemóvel ou o computador em infindáveis conversas nas diferentes plataformas, uma vez que estávamos todos confinados em casa.

E agora? Falta tão pouco tempo para a inauguração da Bienal. O certo é que a proposta, junto dos compositores, foi bem acolhida. Não era tarefa fácil. Os compositores tinham de criar uma peça e, no caso de comporem para instrumentos acústicos, precisavam, ainda, de encontrar músicos que as pudessem interpretar e gravar. Ao fim de uma semana 15 compositores aderiam à ideia, mesmo sabendo que se tratava de um projeto inteiramente *pro bono*.

A escolha dos compositores obedeceu ao critério da diversidade. Queríamos apresentar, tal como na escrita e nas artes visuais, um leque de criadores que representassem a panorâmica da composição musical portuguesa dos nossos dias. Dos mais velhos e mais consagrados, como António Vitorino d’Almeida, aos jovens promissores como a luso-espanhola Inês Badalo, que compôs, para um grupo de contrabaixos, uma peça com o evocativo título *Crisálidas*. A compositora explica

que a escolha deste título refletia o momento em que estávamos a viver, de grandes transformações sociais, em particular os artistas, que, tal como a crisálida, se encontravam em estado de transição – em casa, à espera de um outro mundo.

A procura por diferentes estilos musicais e tendências estéticas também esteve subjacente. Por exemplo, no campo da música electrónica encontramos peças completamente criadas em computador, seja a partir de sons gerados eletronicamente, seja de sons naturais gravados e transformados. Os compositores criaram obras originais que representam vertentes diversas da música eletrónica erudita atual. Neste domínio, podemos citar a peça de Ângela da Ponte, que incorpora o texto de João Gesta enquanto título, *Uma curva francesa decide atravessar o Alentejo às escuras*. Francisco Monteiro, realiza uma obra muito expressiva que intitula de *SOS 120'*. No mesmo campo, refiro ainda a composição de Carlos Caires, *Fenecido Uníssonos*, ou a de Jaime Reis *Magistri Mei Bach*. Carlos Marecos em *à janela de uma casa antiga*, preferiu juntar à eletrónica o som do piano, interpretado por Maria Marecos.

A diversidade musical, revela-se ainda nos instrumentos para os quais as obras foram compostas. O violino, foi a opção de Ana Seara que escolheu como intérprete Ricardo Mendes, assim como a de Pedro Pinto de Figueiredo, com interpretação de Amélia Pack. Ambos nos oferecem sonoridades muito peculiares e muito diferenciadas, parecendo até, por vezes, que não se trata do mesmo instrumento. Sara Carvalho escolheu compor para saxofone e, para intérprete, o multipremiado saxofonista, Henrique Portovedo. Com notas de esperança, evocadas pelo título talvez haja fim, esta peça, de sonoridade calma e intimista, parece querer transmitir ao ouvinte uma certa tranquilidade que no momento não existia. Nuno Peixoto de Pinho faz uma composição para guitarra clássica, que respira de uma ressonância harmónica cíclica, parecendo entrelaçar as palavras de Bernardo Pinto de Almeida ... desenhando o abraço com a forma circular do trabalho de António Olaio. O jovem talento da guitarra clássica, Joaquim Santos Simões, foi o intérprete.

A voz foi também contemplada em obras diversas, como por exemplo a de Isabel Pires, intitulada *Ca (s) o (s)*, que sendo uma obra eletroacústica, utiliza o texto escrito por Hugo Mezena, recitado pela voz de Filipa Magalhães, gravado e transformado eletronicamente. Luís Soldado, que seguindo o mesmo princípio, escreve uma obra electroacústica, na qual é integrada a voz da atriz Linda Valadas.

A forma como cada um se exprimiu, técnica e esteticamente, também contribuiu para a diversidade sonora pretendida. Assim, encontramos por um lado a peça de António Pinho Vargas para violino solo, que intitulou de *Angst*, interpretada

por Tamila Kharambura. António Pinho Vargas descreve as vivências que transpôs para a sua composição musical da seguinte forma: “Vivemos ainda a pandemia com temores. Nenhum de nós viveu até hoje nenhuma situação semelhante ainda menos com esta amplitude global. Uma interrupção brutal do modo da vida em sociedade até então “normal” cujas consequências ainda não podemos senão vislumbrar. Foi dessa sensação de mal-estar difuso que parti.”<sup>1</sup>. Sérgio Azevedo, por outro lado, reagiu de forma diferente, compondo uma peça para piano, num registo mais colorido, interpretada por Diana Botelho Vieira, que intitulou de *Fanfarras Longínquas*, como se estas anunciassem algo que está para chegar, quem sabe o fim da pandemia.

Já muitos lhe chamaram de projeto expositivo” inédito em Portugal”. Não tenho a certeza se concordo. Outros afirmaram que *De casa para um mundo*, se aproxima do conceito de *Gesamtkunstwerk*. Obra de arte total, um legado atribuído a Richard Wagner (inspirado na tragédia grega), que considerava ser o drama musical a sua manifestação mais completa por integrar a literatura, a música, a dança, o teatro, as artes visuais – uma síntese integradora de todas as artes. Este epíteto talvez seja um pouco exagerado, mas não despidendo, uma vez que, *De casa para um mundo*, apresenta, de facto, um conjunto de obras criadas a partir de três universos artísticos diferentes.

Olhando na perspectiva da criação musical, são variadíssimos os exemplos que podemos encontrar, ao longo da história, onde a pintura e a literatura foram fonte inspiradora de obras de grandes compositores. Claude Debussy foi um dos compositores que integrou nas suas composições elementos originários da pintura e da poesia. Por exemplo, a obra orquestral, *Prélude à l'après-midi d'un faune*, é baseada num poema de Mallarmé. *Quadros de uma exposição*, a célebre suite para piano de Modest Mussorgsky, orquestrada mais tarde por Maurice Ravel, foi composta a partir de dez pinturas/desenhos do arquiteto e pintor Viktor Hartmann. Aos dez “quadros” sonoros Mussorgsky adicionou mais um tema a que chamou de *Promenade*, representando o percurso imaginário que o visitante percorre entre as obras dentro de uma galeria. Kandinsky, que sempre teve uma relação profunda com a música, alegando pretender evocar sons através de imagens e pintar sinfonias, fascinado com a peça de Mussorgsky, vai reproduzi-la através da sua linguagem pictórica

Em Portugal, em 1984, Fernando Marques de Oliveira, artista plástico e diretor

---

<sup>1</sup> António Pinho Vargas, excerto de depoimento feito para a Bienal de Cerveira, em julho de 2020.

da Galeria *Roma e Pavia*, propõe ao melómano Manuel Dias da Fonseca, que à época assumia o pelouro da cultura da Câmara Municipal de Matosinhos, uma exposição baseada nesta obra de Mussorgsky, em que dez artistas plásticos foram convidados a criar uma obra partindo de um “quadro” da suite do compositor. Num jantar, onde estiveram presentes todos os artistas, realizou-se o sorteio das peças musicais, ao som do piano, por João Carrapa – pianista que participou também na inauguração, tocando a versão integral de Quadros de uma exposição. José Rodrigues, sabemos que executou um desenho com colagem inspirado no tema *Bydlo*, Albuquerque Mendes trabalhou a partir da agitada peça *O mercado de Limoges*, a Zulmiro de Carvalho coube trabalhar plasticamente a partir das sonoridades de *O bailado dos pintainhos dentro das suas cascas*. Sabemos ainda que Ângelo de Sousa trabalhou a partir de *A Grande Porta de Kiev* e Fernando Marques Oliveira a partir de *Baba-Yaga - a cabana sobre patas de galinha*. Relativamente aos demais artistas que participaram no projecto, Armando Alves, Gerardo Burmester, Patrício Court, Fernando Pinto Coelho, Rui Pimentel, desconhece-se, à data, quais os temas que efetivamente tenham tratado. A exposição final esteve patente no Posto de Turismo de Matosinhos.

A música não se integra, normalmente, de forma constitutiva, numa exposição de artes visuais, seja em museus, seja em galerias. Quando está presente ou é apresentada como um momento próprio (concerto/recital) ou toma a forma de “música de fundo”. É igualmente utilizada em instalações, interativas ou não, mas neste caso a música já faz parte integrante da obra e na maior parte das vezes integra imagens em movimento (vídeo, cinema). Seria desejável um maior estímulo a este tipo de práticas artísticas que envolvam diálogos entre as diferentes linguagens artísticas.

**Paula Freire**

## ... de casa para um mundo!

### Parte 1. Durante o 1º confinamento > março 2020]

Iniciaram-se as conversas em MEADOS de março 2020, via *FACETIME*, com o SOBRAL CENTENO e MANUEL CABRAL. Aceitei o desafio para fazer a curadoria *DE CASA PARA UM MUNDO...*

Decidimos:

“VAMOS” incentivar a CRIATIVIDADE no isolamento a que fomos circunscritos por um vírus que afeta todos;

“VAMOS” ativar o conjunto de criadores que NÃO SE PODEM ENCONTRAR, mas que comuniquem ENTRE SI.

Os 15 ARTISTAS concretizaram as suas peças bidimensionais a partir das 15 PALAVRAS enviadas pelos 15 ESCRITORES. Das palavras, dos pensamentos e dos ATOS resultaram 15 OBRAS imprevistas e sublimes, fruto de técnicas VÁRIAS. A receptividade de todos foi imediata.

Ainda estávamos enredados nas palavras, quando os esquiços e, pouco depois, as imagens das obras irrompiam no grupo WHATSAPP, num entusiasmo significativo. E, inesperadamente, por sugestão de PAULA FREIRE, a música associou-se ao projeto. Com a colaboração de SÉRGIO AZEVEDO e FRANCISCO MONTEIRO organizou-se o convite a 15 COMPOSITORES que desenvolveram breves peças musicais, tomando como estímulo as obras das duplas ESCRITA-IMAGEM [+ SOM]. Em cerca de apenas 5 dias, contrariando o mais provável, o grupo de 15 COMPOSITORES estava configurado. Dessa adesão, surpreendente para muitas das pessoas a quem se dava a conhecer o projeto, algumas semanas mais tarde, começaram a chegar os FICHEIROS DE SOM.

A destacar, a participação dos 5 DESIGNERS que criaram 5 imagens para divulgação do PROJETO: Beatriz Horta-Correia, Francisco Providência, Joana Machado, Miguel Gaspar e Nuno Coutinho.

Na duração deste processo, ocorria-me a amplitude proporcionada pela definição de *obra aberta*, seguindo Umberto Eco. Assim como os ARTISTAS, que não



decidiam como fechada/estanque a sua obra, pois a queriam dinamizada, ativando-a quase incessante (plausível de superar-se), cada um de nós, como unidade no todo que é o público, perante as obras TRIÁDICAS, caminharia numa estrada de direções sobrepostas e sentidos antagónicos, para trás, em frente e para os lados nas ideias. Aquietando-se num estado hermenêutico, cada elemento [DE CASA PARA] um público, ponderaria acerca das intenções dos autores, empurrando os pensamentos de quem fosse ler as palavras, contemplar as imagens e ouvir as PEÇAS MUSICAIS. Num ato de coragem, podem encontrar-se nas obras, quer unidade e homogenia, quer diversidade e polissémica.

Os sentidos estavam todos ali, convocados, preparados para serem ativados, em atos de disponibilidade. Entendimentos e INTERPRETAÇÕES MÚLTIPLAS preconizavam-se, antecipando a convicção de que o público se surpreendesse e as fronteiras se dissipassem. Ou seja, este público em devir, seria ofertado com linguagens concomitantes, ainda que procedendo de áreas de criação diferenciadas, que deixavam de estar reduzidas a seus UNIVERSOS mais restritos, permitindo uma mescla profícua e imponderável. Quem estivesse acostumado a preferir ver, iria ouvir e murmurar as palavras, e assim por diante, numa Ars Combinatória singular e cheia de plurais.

Quando, finalmente, alguém se detivesse na sala de exposições de casa para um mundo...enxergaria os ARTISTAS PLÁSTICOS e ESCRITORES e COMPOSITORES= 45 autores [num banquete imaginário] que cumpriram as fases do processo, atingindo reinos compósitos de singularidade em prol de um bem-comum.

Relembre-se o processo, quanto aos seus movimentos:

1º MOMENTO: cada texto INDIVIDUAL elaborado não ultrapassou 15 PALAVRAS;

2º MOMENTO: cada TEXTO FOI ENVIADO AO ARTISTA que o incluiu no seu trabalho;

3º MOMENTO: a obra plástica NÃO ULTRAPASSOU as medidas 100cmX100cm...

4º MOMENTO: cada DUPLA de autores a TORNAR-SE VISÍVEL, reconhecendo-se na PEÇA CONJUNTADA...

5º MOMENTO: cada DUPLA se converteu em TRIPLA, associados os 15 compositores ao ímpeto de criação concatenada...

6º MOMENTO: as 15 OBRAS + 15 CÓDIGOS de leitura de peças musicais instalaram-se, pela primeira vez no Solar dos Castros em V.N. de Cerveira; pela segunda vez

no Centro Cultural em Monção...e agora...na Galeria da Biblioteca da CMM...e assim por diante...

7º MOMENTO: E nós iremos VER...iremos OUVIR...iremos LER...45 criações artísticas plasmadas em 3 registos, quando inaugurou, todas as vezes que inaugurar a EXPOSIÇÃO QUE SE ANSEIA...*in loco...de casa para um mundo...*

## Parte 2.

Lembremos que Nietzsche afirmava a felicidade contida nas coisas pequenas...  
*de casa para um mundo meu...*

permiti-me mais um exercício, este sendo meu e em modo *obra aberta*, a partir da minha visão, leitura e audição a excederem-se, gulosa de assimilar os outros em mim, imitando Fernando Pessoa. daí, eis que, cada um dos 15x3 mundos é assim que os vejo [singulares], ainda que – de momento – seja mais difícil reter em mim [plurais], imaginar com os ouvidos da mente as sonoridades dos compositores a rodearem-se e a mim, as linhas residindo em configurações exclusivas e por palavras videntes. construí uma casa, como Gaston Bachelard ensinou, parafraseando cantos, esquinas e soalho, imaginando que outros me acompanhavam dentro e desde um mundo até minha CASA. Eis, celebrando Mallarmé, os 15 LANÇAMENTOS DE DADOS que joguei:

1. ACERCA de CAPICUA + Albuquerque Mendes + Ana Seara, eu grito:

Os OLHOS do pensamento têm CICATRIZES que devaneiam na escuridão DENTRO DA MOLDURA.

2. ACERCA de Afonso Reis Cabral + Ana Fonseca + Pedro Pinto Figueiredo, eu grito:

*Et in arcadio ego*: um JOGO ENTRE DEUSES E HUMANOS esquivos que esgrimem o tempo.

3. ACERCA de Daniel Maia-Pinto Rodrigues + Ana Pérez-Queiroga + Sara Carvalho, eu grito:

As CATEDRAIS deixaram-se seduzir pela LUZ CONTEMPORÂNEA, convergindo no QUADRADO VERMELHO, celebrando Malevitch.

4. ACERCA de Bernardo Pinto de Almeida + António Olaio + Nuno Peixoto de Pinho, eu grito:

O LABIRINTO DO SILÊNCIO alimentou-se de tantas PEQUENAS PALAVRAS que se converteu EM JARDIM INGLÊS.

5. ACERCA de Pedro Eiras + Avelino Sá + Jaime Reis, eu grito:

Leonardo [da Vinci] DESCEU À CIDADE. Estacou na marginal do rio, mirando-se qual NARCISO PÓS-EXISTENCIAL.

6. ACERCA de João Gesta + Cristina Ataíde + Ângela da Ponte, eu grito:

No calor ÁRIDO, ODORES DE GADO E PERFUME Chanel embrulham-se em PAPEL DE SEDA escarlate.

7. ACERCA de Paulo José Miranda + Francisco Laranjo + Inês Badalo, eu grito:

A SEDUÇÃO VERDE explodiu em 1000 partículas de pensamento que povoaram O RIO DO ESQUECIMENTO.

8. ACERCA de Francisco Duarte Mangas + Graça Pereira Coutinho + António Pinho Vargas, eu grito:

Nesse dia, os FARDOS DE PALHA enredaram-se com as pedras num ROMANCE PRIMORDIAL. Os humanos nasceram.

9. ACERCA de Maria do Rosário Pedreira + Isaque Pinheiro + Carlos Marecos, eu grito:

Escondi-me atrás do REPOSTEIRO DO CINEMA. Aguardava que o GALÃ, saído do ecrã me SEDUZISSE.

10. ACERCA de Nuno Higinio + Jorge Abade + Carlos Caires, eu grito:

São PALAVRAS ROBUSTAS a significarem tanto. Tudo é um excesso de tempos, disse KAIRÓS a KRONOS.

11. ACERCA de Gonçalo M. Tavares + Pedro Calapez + Sérgio Azevedo, eu grito:

As paisagens da LAGUNA DE VENEZA viajaram pelos Alpes À PROCURA DE FIGURAS que as povoassem.

12. ACERCA de Hugo Mezena + Pedro Tudela + Isabel Pires, eu grito:

Na SALA DOS RESERVADOS [biblioteca], o *PÊNDULO DE FOUCAULT* [Umberto Eco *fecit*] oscilou como uma garça de papel.

13. ACERCA de Manuel Novaes Cabral + Sobral Centeno + Luís Soldado, eu grito:

Pelo mar, pela terra, os cruzados regressaram. Redimiram-se dos PECADOS OUTRORA cometidos pelas PALAVRAS INAUDÍVEIS.

14. ACERCA de Rosa Alice Branco + Susana Piteira + Francisco Monteiro, eu grito:

É o reino animal. Não, a voz respondeu: sou no REINO MINERAL, uma FORÇA. Leve como o amor.

15. ACERCA de Filipa Leal + Zulmiro de Carvalho + António Victorino d'Almeida, eu grito:

Como é feliz concentrar-se o MUNDO NESSA FOLHA ESPESSA que agarrou tantas lembranças ENCARNADAS.

### Parte 3.

A possibilidade de apresentar o projeto *DE CASA PARA UM MUNDO* no Casa da Cultura Mestre José Rodrigues em Alfandega da Fé, cumpre um desígnio acarinhado, após as sete itinerâncias anteriores. Saber que as imagens, palavras e sons vão habitar uma casa que homenageia o Mestre José Rodrigues é um privilégio, testemunhando a celebração do desenho e da escultura, vislumbre de excelência para gerações vindouras. A documentação persistirá todas as vezes que se queiram expandir as imagens mentais da visitação da exposição; cumpre-se um objetivo fundamental: que existe registo a perdurar.

A exposição “de casa para um mundo”, através de uma simples equação matemática  $15+15+15+5$ , assumiu em moldes improváveis, a metodologia conjugada de identidades pessoais, numa estratégia triádica, que se estabilizou em suportes inovadores - em termos museográficos e estéticos.

#### **Parte 4. CODA [sem data]**

A sobrevivência das relações entre palavra, imagem e som, dependerá do grau de proximidade e de afinidade que se queira e possa expandir a partir *de casa para um mundo...*

Em termos expográficos, as soluções alteram-se em desenhos curatoriais específicos, ajustando-se aos locais que, até hoje, têm acolhido a exposição que viaja mais, do que quase todos os 50 [45+5] protagonistas juntos. Atendendo ao tempo presente. Adiante se verá, quando todos nos reunirmos, transcendendo o tempo em que fomos prioritariamente imagens próximas, pois galgando geografias.

Deu-se continuidade ao sonho de artistas, poetas, compositores e pensadores que, ao longo de séculos, desenvolveram criações improváveis, quando procuravam denominadores comuns para as suas respetivas práticas e ansiando por obras concisas. Neste caso, mais improvável ainda, para quem seja incrédulo, como os 45+5 destemidos se lançaram num MAPA em que parecia o GLOBO ir mudar de RUMO, obrigando a redesenhar os MARES, lembrando excertos de John Ashbury (*Auto-retrato num espelho convexo e outros poemas*, Lx, Relógio d'Água, 1995).

Por certo, conhecemos artistas que disciplinam a palavra, a imagem e o som, proporcionando-se a si mesmo a verdade de serem *AEDOS* dos tempos atuais. Fazem-no num movimento – quase sempre – autofágico que se inicia, circula e conclui em si. Lançam a obras *de casa para um mundo...* que é inconsequente. Uma das verdades, desta ideia comum, habita em casas palustres, ou seja, em habitações precárias que se afundam, tão no fim do chão das águas, que sustentam tempestades.

*O segredo da Busca é que não se acha.*

(F. Pessoa, *Poemas Dramáticos*, Lisboa, Ática, s/d)

**Maria de Fátima Lambert**

Curadora

545

designers

45

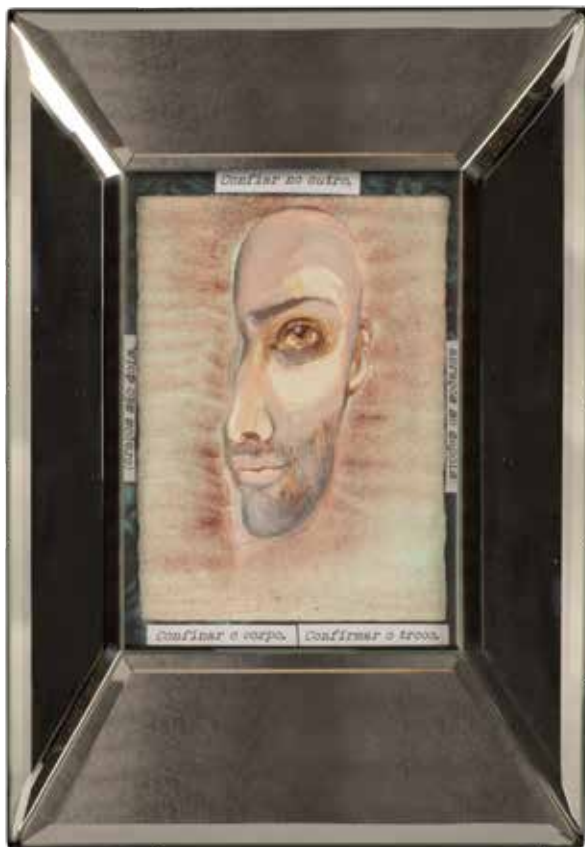
5

escritores  
artistas plásticos  
compositores



Confiar no outro.  
Confinar o corpo.  
Confirmar o troco.  
(braços são dois,  
abraços só depois)

CAPICUA



ALBUQUERQUE MENDES

*Confiar no outro*, 2020

Aguarela, acrílico e colagem sobre papel

ANA SEARA

*Confiar no outro*

Duração: 2'30"

Intérprete: Ricardo Mendes (violino)





Talvez haja um mundo  
intramuros mas quinze  
passos em casa  
não bastam para o alcançar

AFONSO REIS CABRAL



ANA FONSECA

*Talvez haja um mundo intramuros mas quinze passos em casa não bastam para o alcançar, 2020*

Grafite e aguarela sobre filme de poliéster, sobre gravura com fita-cola acidfree emoldurado com a moldura original da gravura



PEDRO PINTO DE FIGUEIREDO

*Inter Mundus*

Duração: 2' 30" (150")

Amélia Pack (violino)

É este o corrimão. Se me sentasse nele  
desceria até à tua juventude

DANIEL MAIA-PINTO RODRIGUES



ANA PÉREZ-QUIROGA

*Aspas, 2020*

2 elementos em tubo de néon branco; gás néon (vermelho); placa acrílico transparente azul; vinil de recorte autocolante; parafusos; cabos elétricos; transformador eletrônico.

SARA CARVALHO

*talvez haja fim*

*Duração: 3'*

*Intérprete: Henrique Portovedo (saxofone solo)*



“Pequenas  
palavras: dizer  
claro,  
preciso,  
desenhando o abraço  
que nos falta.”

BERNARDO PINTO DE ALMEIDA



ANTÓNIO OLAIO  
“Petits Mots”, 2020  
Grafite s/papel colado em MDF



NUNO PEIXOTO DE PINHO  
...desenhando o abraço...  
Duração: 3'  
Intérprete: Joaquim Santos Simões  
(guitarra)  
Estúdio de gravação:  
Rewind Studio / Bruno Violas

Se a linguagem nos antecede,  
que podemos nós senão  
repetir?

PEDRO EIRAS



AVELINO SÁ  
*Nuvens Brancas*, 2020  
Encaústica e colagem sobre madeira

JAIME REIS  
*Magistri Mei*



*Bach*  
*Duração: 1'*  
*Jaime Reis (Electroacústica e guitarra)*

UMA CURVA FRANCESA  
DECIDE ATRAVESSAR  
O ALENTEJO ÀS ESCURAS.

JOÃO GESTA



CRISTINA ATAÍDE

*Rouge d'après João Gesta - uma curva francesa  
decide atravessar o alentejo às  
escuras, 2020*

Acrílico sobre papel



ÂNGELA DA PONTE

*Uma curva francesa decide atravessar o Alentejo às escuras.*

Duração: 2'

Música eletroacústica (stereo)

Composição e mistura: Ângela da Ponte

Sempre o invisível.

PAULO JOSÉ MIRANDA



FRANCISCO LARANJO

*Sempre o invisível, 2020*

Óleo / papel.

INÊS BADALO

*Crisálidas*

Duração: 2'

Intérpretes: Ensemble de contrabaixos José Pascual,  
Pastor Ximo Clemente, Irene Murillo, Mario Márquez,  
Ada Cabezas, Claudia Chacón, Jorge Murillo, Pablo  
Chacón, Hugo Corchado



**Corpo sitiado**

a peste fareja-nos  
o medo  
mãos lavadas  
coração em pousio

FRANCISCO DUARTE MANGAS

**GRAÇA PEREIRA COUTINHO**

*Poema*

Trabalho em papel - colagem

**ANTÔNIO PINHO VARGAS**

*Angst*

Duração: 4'30''

Intérprete: Tamila Kharambura (violino solo)

Num eterno domingo  
chora a beleza sentada à  
janela:  
não se pode mostrar a  
ninguém.

MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA



ISAQUE PINHEIRO

*Aberto de segunda a sábado, 2020*  
Latão e aço zincado, pintado e envernizado

CARLOS MARECOS

*à janela, de uma casa antiga*

Duração: ca. 3' 45" (15x15')

Intérpretes: Maria Marecos (piano);  
Carlos Marecos (eletroacústica)





Confino-me,  
refino o infinito,  
não vá fenecer  
antes de finisterra

E se enfim me finar?

NUNO HIGINO



JORGE ABADE

15 X 15, 2020

Impressão por transferência de fotocópia  
em cartolina offset de 315g



CARLOS CAIRES

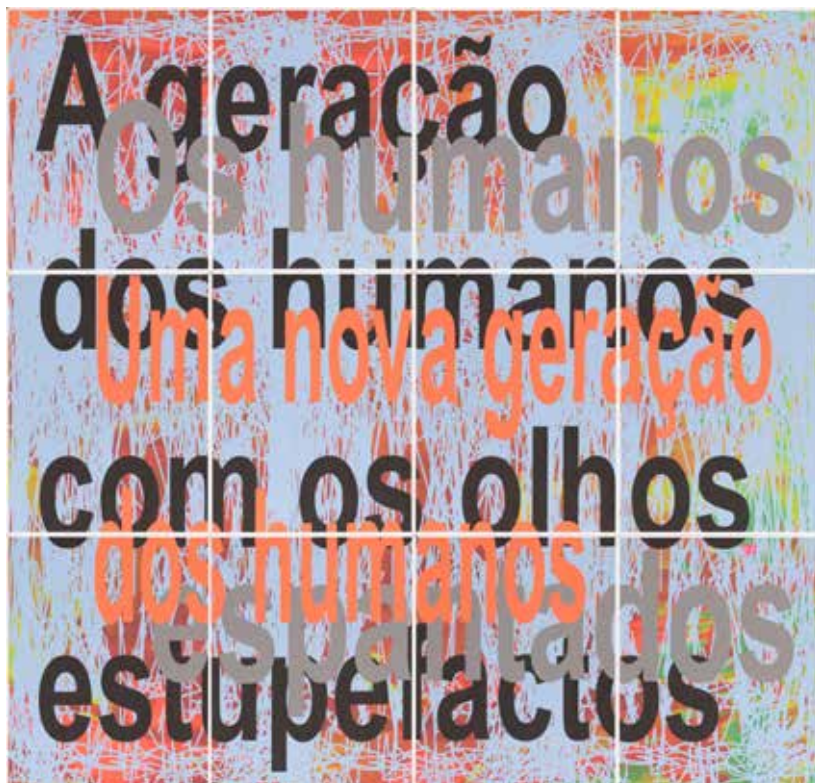
*Fenecido Unísono*

Duração: 1' 45"

Eletoacústica, stereo

A geração dos humanos com os olhos estupefactos.  
Uma nova geração dos humanos.  
Os humanos espantados.

GONÇALO M. TAVARES



PEDRO CALAPEZ

*Espantados ! 01 - PA, 2020*

Impressão jacto de tinta sistema Epson ultrachrome k3, sobre papel Fabriano acid free  
240 gsm. Edição de 4 + 1PA, a partir de texto de Gonçalo  
M. Tavares

SÉRGIO AZEVEDO

*Fanfaras longínquas*

Duração: 1' 15"

Intérprete: Diana Botelho Vieira (piano)



O  
 Caso  
 É  
 Que  
 Nada  
 Faz  
 Sentido

Isto  
 Não  
 É  
 Um  
 Exercício

HUGO MEZENA



PEDRO TUDELA

*cousa*, 2020

Vidro soprado, texto escrito c/ grafite sobre placa de madeira, cabos de aço pretos, manga retráctil, ganchos, ilhós e parafusos



ISABEL PIRES

*Ca(s)o(s)*

Duração: 2'

Electroacústica

Participação Filipa Magalhães (voz)

a cadência das ondas do mar  
são a certeza  
do amanhã

MANUEL NOVAES CABRAL



SOBRAL CENTENO

*A Cadência das Ondas do Mar, 2020*  
Acrílico sobre tela

LUIS SOLDADO

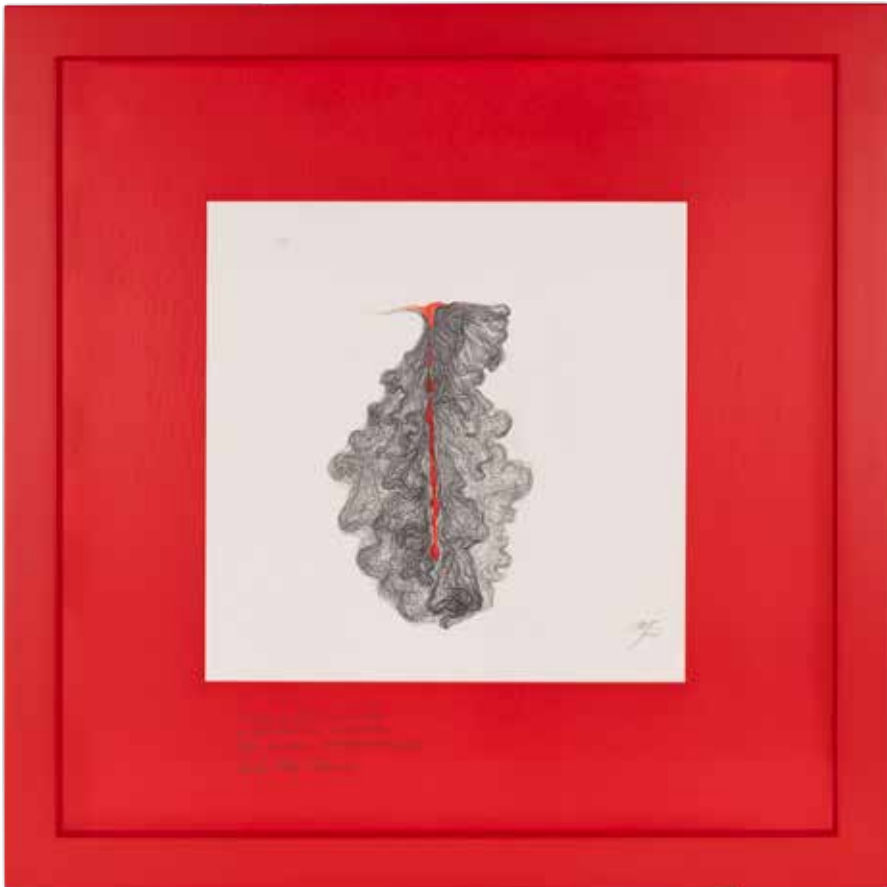
*Um segundo mergulho*  
Duração: 2,45"

Obra eletroacústica com excertos do quarteto de cordas Sísifo (Luís Soldado) gravado pelo quarteto Lacerda Intérprete: Atriz Linda Valadas (voz)



A casa perde o meu rasto  
ao guardar-me as sombras.  
Pela janela o amanhã desabriga.

ROSA ALICE BRANCO



SUSANA PITEIRA

*Superação e silêncio*, 2020

Desenho a grafite e lápis de cor sobre papel Arches, madeira, vidro



FRANCISCO MONTEIRO

*SOS 120''*

Duração: 120''

Eletoacústica

Dirás que estou belo  
a chegar, que estou vivendo e  
que acordámos.

FILIPA LEAL



ZULMIRO DE CARVALHO  
*De casa para um Mundo*, 2020  
Acrílico sobre papel de algodão artesanal

ANTÓNIO VICTORINO DE ALMEIDA  
*improvisos*  
Duração: 2'  
Intérprete: António Victorino d'Almeida (piano)





MIGUEL GASPAR



JOANA MACHADO



FRANCISCO PROVIDÊNCIA



BEATRIZ HORTA-CORREIA



NUNO SÁ-COUTINHO



# 15 5

## de casa para um mundo

### Projeto

#### *Autoria e Conceção*

Manuel Cabral  
Sobral Centeno

#### *Curadoria e Conteúdos*

Maria de Fátima Lambert

#### *Coordenação dos Compositores*

Paula Freire

#### *Textos*

Maria Manuel Silva  
Helena Mendes Pereira  
Ana Margarida Duque  
Manuel Cabral / Sobral Centeno  
Paula Freire  
Maria de Fátima Lambert

#### *Design*

Helena Lobo © 2022

#### *Edição*

Câmara Municipal de Alfândega da Fé

#### *Coordenação Editorial*

Ana Margarida Duque

#### *Impressão*

GRECA - Artes Gráficas

#### *Tiragem*

200 exemplares

### Exposição

Casa da Cultura Mestre José Rodrigues  
Alfândega da Fé  
28 de julho a 09 de outubro

#### *Curadoria*

Maria de Fátima Lambert

#### *Montagem*

Bienal de Arte de Cerveira  
Bruno Santos  
Paulo Pires

#### *Coordenação*

Ana Margarida Duque

**CCA**  
Casa da Cultura  
Mestre José Rodrigues  
Alfândega da Fé

